



Revista

ENTRE RIOS

A revista cultural da comunidade suábica de Entre Rios
Abril de 2026 / Edição nº 179 / ISSN 2526-9186

Pioneiros:

*Os desbravadores de
sua nova pátria*

Receita

Langalló

Comunidade

Três décadas do grupo
“Frohe Altenrunde”

Cultura

Série especial pelo 25º aniversário
da Fundação Cultural

Agrária

Alterações no Estatuto
modificam processo eleitoral



ENTRE RIOS

**Revista dedicada à preservação
da cultura da comunidade
suábica de Entre Rios.**

Cooperativa Agrária Agroindustrial
Rua 5 de Maio, 745 – Colônia Vitória – Entre Rios
Guarapuava - PR - BR - 85139-400

Fundação Cultural Suábio-Brasileira
Avenida Michael Moor, 1951
Colônia Vitória – Entre Rios
Guarapuava - PR - BR - 85139-400

Equipe Editorial

Editor-chefe: Klaus Pettinger
Jornalista: Bárbara Miranda
Jornalista: Mariana Papi

Revisão

Geraldo de Carvalho
Nikita Geier
Roseli Brandtner Essert
Sandra Schmidt
Viviane Schüssler

Fotografia

BM - Bárbara Miranda
KP - Klaus Pettinger

Publicação

Cooperativa Agrária Agroindustrial
Fundação Cultural Suábio-Brasileira

Traduções

Geraldo de Carvalho

Design e diagramação

Mynd's Design Editorial

Assinaturas para a edição em alemão

Sandra Schmidt
sandra.schmidt@agraria.com.br
Tel.: +55 42 3625 8528

Publicação Online

<https://suabios.com.br/revistas>

Periodicidade

Bimestral

Índice

03

Receita: Lángalló

04

**Agrária: Alterações no Estatuto
modificam processo eleitoral**

06

**Especial: Pioneiros como mães
e pais de Entre Rios**

12

**Comunidade: Três décadas do grupo
“Frohe Altenrunde”**

15

**Cultura: Série especial pelo
25º aniversário da Fundação Cultural**

18

Notícias Gerais

Parceiros Culturais:

Realização:



Lángalló

(Pizza Húngara)



Mariana Papi

Há receitas que chegam à nossa mesa trazendo consigo histórias de viagens e descobertas. É o caso do Lángalló, uma espécie de “pizza” húngara que conquistou o coração e o paladar da família de Annelise Lemler Gonçalves. Durante uma viagem à Hungria em agosto de 2025, Annelise não apenas conheceu esse prato tradicional, mas também aprendeu a prepará-lo. “Lá aprendemos a preparar essa receita, super fácil e prática. Então repliquei aqui em casa pela praticidade e pelo sabor delicioso”, conta.

A aceitação foi imediata. O Lángalló rapidamente se tornou o lanche preferido para os fins de tarde em família. “Esta receita é ideal para um lanche de fim de tarde, leve, saborosa e crocante, combina bem para momentos de descontração em família, e todos podem ajudar!”, explica Annelise. A prova do sucesso veio dos próprios filhos: “Aqui em casa já ouvi: ‘Mãe, você pode fazer para eu levar de lanche na escola?’”

A receita original pede Sour Cream, ingrediente nem sempre fácil de se encontrar na região. Mas Annelise não se deixou intimidar e criou uma adaptação que funciona perfeitamente: uma mistura de 300 g de creme de leite fresco, 200 g de Cream Cheese, suco de um limão e uma pitada de sal. “Substituiu muito bem”, garante.

Para Annelise, o segredo vai além dos ingredientes. “O ‘tempero’ principal é fazer com carinho e de preferência com a família reunida, pois todos conseguem contribuir de alguma forma. Um pode ralar o queijo, o outro cortar as cebolas, amassar a massa, enquanto o outro unta as formas.” É essa receita de união, e não apenas de massa, bacon e queijo, que torna o Lángalló tão especial na casa da família Gonçalves.

Confira a seguir a receita completa e leve para sua casa esse pedacinho da Hungria, que já é sucesso em Entre Rios.



Fotos: Arquivo pessoal

Na Hungria, Annelise (à direita) aprendeu a fazer a receita.

Ingredientes



Massa

- 500 g de farinha de trigo
- 1 tablete de fermento biológico fresco
- Cerca de 250 ml de água morna
- 1 colher (sopa) de sal
- 1 colher (sopa) de óleo
- 1 colher (chá) de açúcar



Recheio

- 700 g de Sour Cream (ou use a adaptação abaixo)
- 500 g de bacon picado
- 1 cebola roxa cortada em fatias bem finas
- 250 g de queijo mussarela

Adaptação do Sour Cream

- 300 g de creme de leite fresco
- 200 g de Cream Cheese
- Suco de 1 limão
- 1 pitada de sal

Modo de preparo



1. Peneire o trigo em uma tigela e faça um furo no centro. Adicione um pouco da água morna.
2. Quebre o tablete de fermento em pedaços bem pequenos e coloque na tigela. Em seguida, acrescente o açúcar e o óleo.
3. Misture os ingredientes e adicione o restante da água conforme a necessidade. A massa deverá ficar homogênea.
4. Deixe a massa descansar por 30 minutos.
5. Após descansar, abra a massa com um rolo até atingir 1 cm de espessura.
6. Coloque sobre a massa o Sour Cream (ou a adaptação do creme), o bacon, a cebola roxa e, por fim, o queijo.
7. Leve ao forno em temperatura de 200 °C durante 30 minutos.





Assembleia Geral 2026

Alterações no Estatuto da Agrária modificam processo eleitoral e atribuições do Conselho de Administração

Bárbara Miranda

Com o advento das práticas ESG (sigla para Meio Ambiente, Social e Governança) os procedimentos de comando das organizações passaram a focar cada vez mais em formas de gestão que permitam a seus acionistas ou associados tomadas de decisão com alto grau de consciência e efetividade. Na Agrária, não é diferente. Por isso, em 2024, a Cooperativa aprovou junto a seus cooperados uma série de mudanças no conteúdo de seu Estatuto Social.

De acordo com Elizeu Batista e Luz, especialista do departamento de Estratégia e Sustentabilidade, a proposta nasceu de um trabalho que durou cerca de um ano. Para chegar ao texto final, a equipe responsável pelo projeto consultou documentos utilizados por outras cooperativas e empresas que são referência no quesito Governança. “Fizemos um compilado com 21 itens que precisavam ser modificados ou incluídos no Estatuto Social, que é o documento que rege as ações da Cooperativa. Foi um trabalho complexo, mas que hoje torna o Estatuto da Agrária mais robusto”, enfatizou.

Entre as principais alterações realizadas no texto, destacam-se a criação de um capítulo totalmente dedicado à condução do processo eleitoral para os cargos do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, bem como as modificações na estrutura e nas atribuições do Conselho de Administração.

Essas transformações começaram a ser notadas agora, em 2026, com a realização da 75ª Assembleia Geral Ordinária da Agrária. Trata-se da primeira reunião com eleições para cargos em ambos os Conselhos desde a aprovação das modificações no texto. “Até então, nosso documento descrevia o processo eleitoral de maneira bastante genérica. Agora, temos uma comissão eleitoral, formada por representantes da Secretaria Executiva, do departamento de Gestão da Governança e do setor Jurídico. Essa equipe acompanha todo o processo com instrumentos que o tornam mais organizado e seguro”, explica Elizeu Batista e Luz.



Homenagem aos cooperados Manfred Majowski e Edmund Gumpl, que deixaram o Conselho de Administração.

Quanto ao Conselho de Administração, o especialista conta que suas atribuições deixam de ser executivas e passam a ter caráter mais deliberativo. “Muitas funções que antes eram desempenhadas por nossos diretores agora são de responsabilidade dos superintendentes, dando mais liberdade para que os membros do Conselho de Administração tomem decisões relevantes para o futuro da Agrária”, esclarece.

O Conselho de Administração continua sendo formado por nove representantes do quadro de cooperados. Nesse sentido, a grande mudança é que a Diretoria Executiva passa a ser a Diretoria do Conselho, contando com três ao invés de quatro cargos: Presidente, 1º Vice-presidente e 2º Vice-presidente. Os outros seis eleitos são membros vogais do Conselho.

Wahlen 2026



O novo processo eleitoral é mais organizado e seguro.

Para as eleições 2026, houve apenas uma chapa inscrita para assumir o Conselho Fiscal da Cooperativa. Seguindo o previsto em Estatuto, a eleição aconteceu por aclamação. Durante um ano, responderão pelo Conselho Fiscal os cooperados Corina Wild,

Sieghardt Kleinfelder e Thiago Abt, como membros efetivos, e os cooperados Marcos Schneiders, Milena Nauy e Reinhold Buhali como suplentes.

Já para o Conselho de Administração, quatro chapas se inscreveram para o certame. A chapa 1 foi eleita em segundo turno, com 56%.

O cooperado Adam Stemmer segue para sua segunda gestão à frente da Agrária, acompanhado pelos cooperados Alessandro Illich e Cristian Abt, como 1º e 2º vice-presidentes respectivamente. Foram eleitos como membros vogais do Conselho de Administração: Aline Gärtner, Ana Meri Naiverth, Bruno Reinhofer, Igor Josef Klein da Cunha, Kevin Reichhardt e Rainer Leh.

O Conselho de Administração da Agrária tem ainda cinco suplentes, escolhidos como líderes comunitários (chamados de “Obmänner” e “Obfrauen”) das colônias que compõem o distrito de Entre Rios: Bianca Vollweiter, representando a Colônia Cachoeira; Cristina Zehr, pela Colônia Vitória; Roberto Keller, da Colônia Samambaia; Roseli Keller Novatzki, em nome da Colônia Jordãozinho; e William Korpasch, que representa a Colônia Cachoeira.

A gestão do Conselho de Administração é de três anos.



Conselho de Administração da Agrária eleito na 75ª Assembleia Geral Ordinária: Alessandro Illich, Rainer Leh, Adam Stemmer, Cristian Abt, Igor Josef Klein da Cunha, Aline Gärtner, Bruno Reinhofer, Kevin Reichhardt e Ana Meri Naiverth



Pioneiros:

mães e pais de sua nova pátria

Em dois extensos artigos, a Revista Entre Rios homenageia a história de Entre Rios e a de seus fundadores, os 2.446 Suábios do Danúbio, inseparavelmente ligados a ela.

Klaus Pettinger

Quando os suábios, no século XVIII, trocaram, pela primeira vez, olhares curiosos e piscadelas simpáticas na região do Danúbio, Entre Rios ainda estava longe de existir sequer como ideia. Esses suábios provinham de centenas de localidades do atual sudoeste da Alemanha e, no início, eram estranhos entre si.

Assim, viveram juntos por um tempo para se conhecerem melhor, antes mesmo de terem algo mais sério para pensar. Mais precisamente, passaram cerca de 200 anos em uma espécie de noivado agrícola. Uma “boa temporada”, poderíamos dizer, durante a qual transformaram sua nova pátria em uma acolhedora sala suábica e, com grande dedicação, fizeram de suas casas e propriedades o celeiro da Europa.

Mesmo mais tarde, quando os suábios tiveram de se separar uns dos outros em meio a lágrimas e, no ano de 1922, adotaram o nome “Suábios do Danúbio” para preservar sua “união” cultural apesar das “separações fronteiriças” geopolíticas, ainda ninguém imaginava o pequeno “Putl” (bebê) chamado Entre Rios.

Naquele tempo, a antiga pátria ainda parecia jovem, corajosa e cheia de força, enquanto a vida seguia entre desafios e superações.

As futuras mães e pais de Entre Rios ainda eram “Mädel” e “Buwe” – meninas e meninos – como, por exemplo, Franz Stock, que hoje, aos 94 anos, está entre os pioneiros mais velhos



Pioneiros entram em suas novas casas: “Finalmente novamente um teto próprio sobre a cabeça.”

ainda vivos de Entre Rios. Ele cresceu com cinco irmãos em Šidski Banovci, na região da Sirmia, um vilarejo da antiga Iugoslávia que não era exclusivamente de cultura alemã, mas fortemente marcado pela língua alemã, pela escola e pela vida comunitária.

Em uma entrevista concedida ao Museu Histórico de Entre Rios, ele descreve sua infância, apesar de todas as dificuldades que viriam depois, como organizada e feliz: “Se posso dizer com sinceridade: a infância no vilarejo foi bonita”, recorda, acrescentando: “Tínhamos uma igreja evangélica e uma igreja sérvia, além de três escolas. Havia até uma Agrária. Sim, Šidski Banovci era, para aquela época, bastante desenvolvido.” Como na maioria das famílias suábias, seus pais, Elisabeth (nascida Schmid) e Jakob Stock, eram agricultores. O pai também trabalhava como alfaiate e atuava na Agrária local.

A convivência pacífica entre os diferentes grupos étnicos foi destacada tanto por Stock quanto pelas duas pioneiras mais velhas da colônia. As amigas de longa data Katharina Werner Leh, de 98 anos, e Maria Manier Weicher, de 96, estão entre as pioneiras mais velhas de Entre Rios e ressaltam a harmonia existente em seus vilarejos de origem, Tomaschanzi (Eslavônia) e Tovarnik (Sirmia), respectivamente.

“Nós convivíamos muito bem com todos os povos, tanto com os sérvios quanto com os ‘Krawaten’ (croatas)”, recorda Katharina Werner Leh. “Os suábios protegiam os ‘Serwa’ (sérvios) e os ‘Serwa’ nos protegiam. Tínhamos uma convivência muito boa com os sérvios, porque para nós tudo era um só. Muitos sérvios até falavam ‘Schwowisch’ [o dialeto suábio]”, acrescentou Stock.

O cotidiano dos suábios começava cedo e era marcado pelo trabalho, pela oração, pela ajuda mútua e pela participação das crianças nas tarefas da casa e do campo.

“Nós, crianças da vizinhança, estávamos sempre juntas e passávamos o tempo com brincadeiras simples, como pular corda. Minha infância, infelizmente, foi curta, apenas até os sete ou oito anos. Depois disso, já precisei ajudar meus pais nas tarefas domésticas e na agricultura”, contou Katharina Werner Leh.

“Lembro-me de como passávamos o dia inteiro capinando milho sob o sol quente. Eu ainda era muito pequena e puxava o lenço até cobrir meu rostinho, para me proteger do sol e da poeira.”

Embora meninas e meninos passassem grande parte da infância trabalhando, ainda havia espaço para brincadeiras e alegria. A pioneira Magdalena Pock Milla, hoje com 91 anos, cresceu com sua numerosa família em Krndija (Eslavônia), um vilarejo exclusivamente alemão na então Iugoslávia. De sua infância, ela guardou inicialmente lembranças felizes: companheiros de brincadeira, tardes despreocupadas no vilarejo e um ambiente familiar, próximo e acolhedor.

Também os primeiros anos de vida de Maria Lepold Keller, hoje com 92 anos, em Filipovo (Bačka), foram marcados por uma infância simples, mas ao mesmo tempo rica em vivências. Entre brincadeiras com bonecas de pano feitas à mão, dias de inverno na neve e a vida no vilarejo, desenvolvia-se sobretudo um ciclo anual profundamente enraizado na fé.

“Era bonito: na procissão de Corpus Christi, as meninas de Maria – jovens de cerca de



Graças à sua habilidade agrícola, os Suábios do Danúbio transformaram sua antiga pátria no celeiro da Europa.

14 anos, vestidas totalmente de branco – carregavam a imagem de Nossa Senhora”, contou Maria Keller, que também se recorda das tradições de São Nicolau e do Menino Jesus, que na véspera de Natal ia de casa em casa.

Na grande casa dos Suábios do Danúbio, com seus conhecidos sete cômodos Bačka, Banato, Sathmar, Turquia Suábica, Eslavônia, Sirmia e as Montanhas Centrais da Hungria, já habitava a alma culturalmente rica de nossos pioneiros e de seus antepassados muito antes mesmo de pensarem em Entre Rios.

Em cada Suábio do Danúbio vivia uma herança invisível e profundamente enraizada: memórias transmitidas, tradições vividas, uma fé que sustentava o cotidiano, a dignidade do trabalho e um forte sentimento de pertencimento.

Os Suábios do Danúbio eram senhores e senhoras de uma casa extraordinariamente bem administrada, onde cada criança podia crescer e florescer com plena vitalidade e alegria.

Aos domingos, essa “cozinha suábica” reunia os melhores ingredientes de cada “membro da casa” em pratos irresistíveis, enquanto, na “sala de estar”, as diferenças tradicionais se completavam de forma convivente e harmoniosa, acompanhadas por animadas conversas e pela criação de inúmeras expressões, muitas vezes cheias de humor.

Mas então surgiram as nuvens mais escuras. “Minha infância foi muito bonita, mas da juventude não tive quase nada, pois quando eu tinha oito anos, os partisans vieram pela primeira vez ao vilarejo”, relata a pioneira Magdalena Pock Milla.

Com isso, ela se refere à eclosão da Segunda Guerra Mundial e aos ataques sistemáticos das milícias partidárias iugoslavas contra os vilarejos alemães, ou seja, suábios. A trajetória de vida dessa pioneira, nascida em 4 de fevereiro de 1935, foi marcada por abalos precoces, longos anos de desenraizamento e uma notável força interior.

“Eles, os partisans, incendiaram casas. A casa em frente à nossa queimou completamente. Na casa dos fundos, onde moravam pessoas pobres, jogaram bombas pelas janelas. O chiqueiro pegou fogo com os animais dentro, foi terrível”, recorda a hoje nonagenária.

A mais dura crise mundial do século XX despedaçou o “casamento suábio” como o estilhaçar de uma taça de cristal. A Segunda Guerra Mundial irrompeu com

violência, medo e abandono no cotidiano antes tranquilo e organizado. Perderam-se o apoio moral da infância, a sensação protetora dos pais e a continuidade natural da vida camponesa.

Os cavalos já não estavam mais nos campos, mas diante dos portões dos vilarejos – em vez de puxarem arados, passaram a conduzir carroças superlotadas, carregadas apenas com o indispensável.

Quando a fuga começou, Anna Schwarz, nascida Winkler, tinha apenas dez anos de idade. Nascida em 2 de março de 1934, em Lowas, na então Iugoslávia, ela precisou deixar para trás tanto o pai, que se encontrava em cativeiro inglês, quanto sua terra natal.

“Naquela época, antes da fuga, as pessoas ainda abatiam rapidamente os animais e conservavam a carne na banha. Depois partimos com a carroça puxada por cavalos”, contou Anna Winkler Schwarz. Sua família recebeu ajuda de vizinhos, que lhes disponibilizaram cavalos para a viagem.

A fuga representou para os pioneiros um estado inevitável de suspensão, uma existência entre um passado arrancado à força e um futuro incerto. Durante três semanas, o caminho da família de Anna Schwarz viajou pela Hungria até chegar à Áustria.

“Como éramos crianças, muitas vezes descíamos da carroça e caminhávamos ao lado dela para que os avós tivessem lugar. Durante dias inteiros seguimos a pé ao lado do veículo. À noite, a coluna parava e dormíamos cinco pessoas sentadas na carroça.”

A lembrança dessa viagem é marcada pelo cansaço extremo. Para grande parte dos refugiados, o percurso foi feito frequentemente a pé, atravessando neve e enfrentando o frio implacável do outono.

Na Áustria superlotada começaram sete anos de uma vida provisória. Em condições precárias, a família enfrentou fome, falta de trabalho e o sentimento constante de não pertencer verdadeiramente a lugar algum.

A família de Anna Schwarz foi inicialmente encaminhada para a propriedade de um agricultor que, na verdade, preferia receber trabalhadores em vez de uma família com crianças e idosos. Ainda assim, permaneceram ali e, olhando para trás, a pioneira recorda esse período com carinho:

“Brincávamos sempre com os muitos filhos do agricultor, eram cinco ou seis, e eles realmente gostavam de nós, assim como nós gostávamos deles.”



Os pioneiros cultivavam sua cultura com dedicação e orgulho.



O cotidiano dos Suábios do Danúbio começava cedo e era marcado, tanto para crianças quanto para adultos, pelo trabalho, pela oração e pela ajuda mútua.

Os materiais históricos mostram a dimensão dessa situação: em 1945, cerca de 1,6 milhão de refugiados encontravam-se em território austríaco. Somente na Alta Áustria concentravam-se aproximadamente 700 mil refugiados, muitos deles alojados em barracões, antigos quartéis, escolas, propriedades rurais e abrigos de emergência.

Susanne Sorg Stock, hoje com 89 anos, recorda-se de estábulos adaptados provisoriamente, do sentimento de ser vista como “estrangeira” e dos seus primeiros anos escolares em um país desconhecido.

“Vivíamos em abrigos provisórios, até mesmo em estábulos adaptados, onde as camas eram feitas de tábuas”, contou ela. Susanne nasceu em 5 de março de 1937 em Betschmen (Sírmia), um vilarejo alemão na então Iugoslávia, não muito longe de Belgrado.

Como muitos outros pioneiros, também ela passou a infância na Áustria, vivenciando ali tanto o cotidiano simples quanto episódios marcantes e extraordinários.



Em estábulos adaptados de forma provisória, os pioneiros passaram sete anos na Áustria.



Em Asten, Áustria: preparativos para a travessia rumo ao Brasil.

A fuga de três semanas aconteceu, em grande parte, a pé, através da neve e de um inverno implacavelmente frio.



A travessia trouxe enjoo do mar, mas também música, dança e aquela mistura de incerteza e esperança de um novo começo.



Após a fuga, a família de Christine Korpasch Müller, hoje com 86 anos, chegou à região de Linz, onde inicialmente viveu em barracões. Ali, foram selecionadas crianças refugiadas em situação de necessidade para passar alguns meses na Suíça.

Christine foi uma delas e permaneceu por três meses aos cuidados de uma senhora idosa. “Na época eu tinha oito ou nove anos, e eles me trataram muito bem, mas eu não queria ficar e meu pai também não queria que eu ficasse”, recordou ela.

Seu caso não foi uma exceção. Após a Segunda Guerra Mundial, milhares de crianças refugiadas foram temporariamente acolhidas por organizações de ajuda infantil em famílias guardiãs, para se recuperarem da fome, das doenças e das consequências emocionais da fuga e da guerra. Depois de três meses, Christine retornou e, em seguida, passou a frequentar a escola primária na Áustria.

Outra lembrança marcante ligada ao retorno é recordada por Anna Schwarz, hoje com 92 anos, ao reencontrar o pai em 1945, após anos de cativeiro:

“No começo nem o reconheci, tão diferente ele estava depois da guerra e da prisão. Eu estava brincando com os filhos do agricultor quando ele chegou e perguntou se ali morava a família Winkler. Eu respondi: ‘Sim, eles moram lá em cima.’ Então ele entrou na casa e, pouco depois, me chamaram: ‘Este é o Tati [papai]!’ Ele também não tinha certeza se eu era sua filha, mas depois rimos muitas vezes dessa história”, contou ela com alegria.

Como jovem suábio desenraizado, já profundamente integrado à cultura austríaca, Georg Müller recorda com visível orgulho os anos em que subia no mastro da árvore de maio (Maibaum) e conquistava o primeiro prêmio diante de rapazes mais velhos e fortes.

“Eu tinha 13 anos e precisava subir além da primeira coroa do Maibaum até a segunda e depois descer rapidamente. Fiquei muito orgulhoso por ganhar o primeiro prêmio: 25 xelins e um bolo”, contou ele.

Assim passaram-se sete difíceis anos de apatridia e sofrimento de exilado.

E justamente nesse período, sob as condições mais





A família de Anton Lemler chegou a Santos com o terceiro transporte.

duras e na luta pela sobrevivência – como tantas vezes acontece na vida – a imagem da pequena Entre Rios começou a tomar forma.

Movidas pelo amor ao trabalho, ou melhor, pela possibilidade de voltar a atuar como agricultores, e pelo compromisso com um futuro melhor e merecido, cerca de 500 famílias dedicaram-se a dar vida a seu “filho caçula”, a seu mais jovem “bebê”.

Anna Schwarz tinha apenas 17 anos quando chegou ao Brasil. O pai havia preparado a emigração e insistiu para que toda a família partisse junta.

“Na nossa família não se podia dizer ao pai: ‘Eu não quero.’ Algumas amigas queriam que eu ficasse, mas, mesmo assim, fui com eles”, contou a pioneira.

O desejo de voltar a ser “senhor de si mesmo” e não permanecer “para sempre como empregado” também levou a família de Anton Lemler, hoje com 92 anos, ao Brasil. A decisão de emigrar foi tomada em comum acordo dentro da família e esteve estreitamente ligada a Michael Moor, que os Lemler conheciam pessoalmente.

A viagem seguiu por Asten e Gênova até Santos, de onde, no terceiro transporte, a família chegou a Entre Rios. “Foi difícil emigrar e deixar os amigos para trás, pois crescemos na Áustria. Mas toda a família concordava que era a melhor decisão”, recordou Lemler, que na época tinha 17 anos.

Agora tudo estava preparado para o filho mais jovem dos pioneiros. Mas onde exatamente ele deveria nascer? Cresceria com um sotaque do Centro-Oeste ou do Sul do Brasil? E quanto de terra arável seus pais – as mães e os pais de sua nova pátria – finalmente poderiam voltar a cultivar de forma independente?

Michael Moor, ao mesmo tempo pai e padrinho, decidiu-se por Entre Rios (literalmente “entre rios”). Assim como o batismo de Jesus no Jordão simbolizou um novo começo, também aqui, às margens do Jordão (e do Pinhão), nasceu uma nova pátria, expressão de recomeço e esperança.

Como sinal de vitória, o coração econômico recebeu o nome de “Vitória”. Jordãozinho (o pequeno Jordão), Cachoeira, Socorro e Samambaia cercam a colônia principal como órgãos vitais de um corpo ainda jovem e delicado.

E é exatamente aqui que reside uma beleza comovente: a criança que nasceu do sacrifício deles tornou-se, ao mesmo tempo, o refúgio de seus próprios pais. Entre Rios acolheu aqueles que a haviam criado.

Deu-lhes terra quando lhes faltava uma pátria, um lar quando sua casa lhes havia sido tirada e um futuro quando o passado lhes fora arrancado pela força.

Em 1º de maio de 1951, foi decidida em Curitiba a realização do projeto de colonização em Entre Rios. Em 5 de maio, seguiu-se a fundação da Cooperativa

Agrária. No dia 29 de maio, após difíceis negociações, pôde ser concluído o contrato de compra das terras.

Enquanto isso, o primeiro transporte já atravessava o Atlântico com um total de 221 suábios.

A travessia causou enjoo, mas também trouxe música, dança e aquela mistura peculiar de incerteza e esperança que muitos pioneiros descreveram. A própria Anna Schwarz conta que ninguém sabia exatamente para onde estava indo, e ainda assim existia entre os jovens um forte espírito de união.

Como a pioneira chegou no primeiro transporte, ela, sua família e todos os novos colonos foram inicialmente alojados na Escola Visconde de Guarapuava, na cidade, sendo depois transferidos para barracões comunitários em Entre Rios.

Entre maio de 1951 e março de 1952, chegaram ao Brasil 2.446 suábios, portadores de uma herança muito mais antiga, formada ao longo de séculos por migrações, trabalho agrícola, forte vida comunitária e preservação cultural na região do Danúbio.



Michael Moor (à esquerda, ao fundo) decidiu escolher Entre Rios como nova pátria.



A viagem de trem de três dias de Santos até Góes Artigas, atual distrito de Guarapuava.

Embora a chegada tenha sido um choque para muitos pioneiros e alguns tivessem vontade de “voltar correndo” – “se ao menos existisse uma ponte sobre o Atlântico” –, foi ali que começou uma nova vida, cujo sucesso, naquele momento, ainda era difícil de imaginar.

Como poderia ser diferente? Nas mãos dos pioneiros estavam as habilidades artesanais; em seus gestos, a disciplina; em sua língua, a história; e em seus costumes, a continuidade. Assim, a história dos pioneiros e a história de Entre Rios tornaram-se inseparáveis, uma vive e continua existindo dentro da outra. A prosperidade que Entre Rios alcançaria mais tarde não nasceu de um único ato heroico, mas de uma longa escola de resistência. Enquanto os pais reconstruíam suas próprias vidas, também o “filho” ganhava forma.

A lembrança de Magdalena Pock Milla sobre a chegada a Entre Rios no sétimo transporte é marcada por um sentimento surpreendentemente oposto. Após anos de solidão na Áustria, ela viveu o Brasil como uma verdadeira libertação:

“Quando chegamos aqui, eu era a pessoa mais feliz do mundo. Que juventude alegre existia aqui. Eu me senti tão bem. Gostava tanto do Brasil. Nunca teria ido embora.”



O projeto Brasil recebeu famílias inteiras — com crianças e avós.



Após sete anos de apatridia e das dificuldades do refúgio, os pioneiros reconstruíram novamente um teto sobre suas cabeças.

Assim, Entre Rios tornou-se não apenas uma colônia bem-sucedida, mas também um testemunho histórico do exílio. Hoje, dos 2.446 imigrantes que chegaram em 1951, restam cerca de 119 pioneiros vivos, e o próprio tempo transformou-se em protagonista dessa história. Foi ele que conduziu essas famílias até aqui e permitiu que campos, casas, instituições e gerações crescessem. Mas é também o tempo que, pouco a pouco, faz silenciar vozes insubstituíveis.



A história dos pioneiros e a história de Entre Rios estão inseparavelmente ligadas.

Honrar os pioneiros significa, portanto, não apenas agradecer àqueles que ainda estão entre nós, mas também reconhecer todos os que já partiram. Os pioneiros foram, de fato, os pais de Entre Rios. E Entre Rios, esse filho que, após 75 anos, amadureceu forte e bem-sucedido, continua acolhendo seus pais: os vivos, com honra; os falecidos, na memória.

Porque Entre Rios é filho da perda, mas também da decisão de não permitir que essa perda fosse a última palavra.

Pioneiros entrevistados

Todas as informações apresentadas neste artigo baseiam-se em entrevistas com pioneiros realizadas pela equipe do Museu Histórico de Entre Rios. As imagens devidamente identificadas foram registradas pela fotógrafa Nicole Gutfreund.



Magdalena Pock Milla, 91

★ Nascida em 04.02.1935
📍 Krndija (Eslavônia)



Georg Müller, 89, und Christine Korpasch Müller, 86

★ Nascidos em 24.4.1937 e 10.10.1939, respectivamente
📍 Grabovci (Sirmia) e Gašinci (Slavonia), respectivamente



Katharina Werner Leh, 98

★ Nascida em 15.03.1928
📍 Tomaschanzi (Eslavônia)



Susanne Sorg Stock, 89

★ Nascida em 05.03.1937
📍 Betschmen (Sirmia)



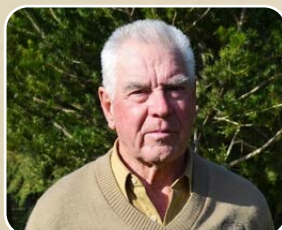
Franz Stock, 94

★ Nascido em 01.05.1931
📍 Šidski Banovci (Sirmia)



Maria Lepold Keller, 92

★ Nascida em 10.08.1933
📍 Filipovo (Bačka)



Anton Lemler, 92

★ Nascido em 12.01.1934
📍 Tovarnik (Sirmia)



Anna Winkler Schwarz, 92

★ Nascida em 02.03.1934
📍 Lowas (Sirmia)



Cada encontro segue um ritual cultivado há três décadas e começa com um pequeno programa de ginástica.

Frohe Altenrunde:

três décadas de amizade, movimento e memórias

Mariana Papi

Toda terça-feira, a cada quinze dias, cerca de 80 pessoas se reúnem em Entre Rios para o que pode parecer, à primeira vista, apenas mais um encontro de idosos. Mas quem participa do grupo *Frohe Altenrunde* sabe que aquelas duas horas e meia são muito mais do que ginástica, bingo e café colonial. São encontros que combatem a solidão, fortalecem amizades, resgatam memórias e, literalmente, salvam vidas. Este ano, o grupo completa 32 anos de história, mantendo viva a tradição de cuidar de quem construiu a comunidade de Entre Rios.

Agosto de 1994. Naquela época, os idosos de Entre Rios tinham poucas opções de convivência além das missas. Não havia celular, a televisão era raridade, e muitos viviam isolados em suas casas. Foi quando o padre Josef Werth, o representante da paróquia, o senhor Rudolf Hermann e o professor José Boing tiveram uma ideia: criar encontros quinzenais para que os mais velhos pudessem se reunir, conversar e se divertir.

“Eles adoravam, era uma época diferente, em que não existiam tantas opções de entretenimento. Então tudo começou assim, como uma forma de eles se encontrarem, saírem de casa, terem mais uma atividade durante a semana”, explica Clara Fassbinder, professora de educação física que chegou ao grupo quatro anos depois da fundação e ficou por 27 anos à frente das atividades.

Já Josefine Spieler, que completou 82 anos em março e participa desde o primeiro encontro, lembra bem daquele 23 de agosto de 1994. “Foi o primeiro encontro. Nós começamos com sessenta pessoas.” A adesão foi imediata. Dez anos depois, o grupo já contava com cem participantes regulares.



Fotos: Fundação Cultural

Clara Fassbinder (segunda da direita para a esquerda) durante a Festa de São João: “Começou como uma oportunidade para nossos idosos se encontrarem e terem uma atividade adicional.”

O primeiro espaço dedicado aos encontros foi o Clube São Geraldo. Com o tempo, o grupo migrou para a ARCA e, atualmente, realiza a maior parte dos encontros no Centro de Eventos, com apoio da Cooperativa Agrária. “A Agrária nos deu a ARCA. A gente não pagava nada para a limpeza, nem para nada. E agora estamos no Centro de Eventos. Quando não podemos nos encontrar no Centro de Eventos, a Agrária nos disponibiliza o Parque Recreativo da Colônia Jordãozinho; enfim, sempre encontramos algum espaço”, conta Clara.



Für viele Teilnehmer ist die Frohe Altenrunde ein Ort der Geborgenheit und der Lebensfreude.

Muito mais que ginástica e bingo

Cada encontro segue um ritual que se mantém há três décadas. Começa com uma reflexão conduzida pelo pastor ou padre sobre algum tema relacionado à época do ano, seja Páscoa, Natal ou simplesmente pensamentos bíblicos para o dia a dia. Depois vem a parte física: ginástica ou dança. “Em todo começo de tarde com eles, fazemos uma pequena ginástica ou uma atividade dinâmica para que eles também se movimentem e se divirtam com os demais”, conta Natascha Buhali, atual coordenadora do grupo.

E, então, acontece a atividade principal do dia. Pode ser bingo, o favorito absoluto e confesso por Josefine e Clara, palestras, jogos, apresentações ou alguma atividade especial. O encerramento é sempre o mesmo: um café colonial farto, com salgados, doces, café, chá e refrigerante à vontade. Cada participante contribui com um valor na entrada, e com isso compram tudo das padarias locais e das mulheres que fazem bolos e quitutes. “O lanchinho é sempre muito bom, não pode faltar”, declara Josefine em meio a um sorriso.

Mas o grupo não vive apenas dos encontros semanais, ao longo do ano, eles promovem eventos maiores que marcam o calendário. A Festa dos Pioneiros, por exemplo, acontece anualmente e reúne todos os pioneiros da região e pessoas com mais de 60 anos. “Tem música, danças folclóricas, comidas típicas e tudo. A Agrária ajuda a organizar, é sempre um evento grande com centenas de participantes”, relata Clara. Há também piqueniques, visitas a propriedades locais, passeios a águas termais, celebrações de carnaval, São João e Oktoberfest. E, claro, as viagens anuais.

Piratuba: o destino mais amado

Falando em viagem e destino amado, se há um lugar que os integrantes do *Frohe Altenrunde* adoram, esse lugar é Piratuba. A cidade catarinense conhecida pelas águas termais se tornou o destino favorito do grupo ao longo dos anos. “Todo mundo quer viajar para lá, porque há várias piscinas e uma rua com diversas lojinhas, onde as mulheres podem fazer suas compras. O local é muito bom”, compartilha Clara. Eles buscam realizar a viagem fora da alta temporada, quando os preços são mais acessíveis e tem menos turistas. “Nosso grupo é o que há mais tempo

frequenta o lugar e nós ficamos sempre no mesmo hotel. Então eles já nos conhecem, já nos oferecem um valor bem mais reduzido”, completa.

Josefine guarda memórias especiais de Piratuba. “Antigamente havia os bailes que os hotéis faziam para animar os visitantes. Fizemos amizades com outros grupos, nós temos histórias muito engraçadas e divertidas de lá”, relembra com um sorriso no rosto.

Mas nem todas as viagens foram para destinos já conhecidos. Clara lembra de um momento especialmente tocante. “Uma vez fomos para a praia. Primeiro pegamos o trem em Curitiba e depois um ônibus para a praia. Quando estávamos passando pela orla, um homem perguntou para outro senhor: ‘Como é que é areia, como é que é isso, a praia?’”. Paramos então o ônibus para ele descer, pois ele nunca tinha pisado em uma praia, ele não sabia como era uma praia. Então, há coisas assim, boas e marcantes.”



Piratuba é o destino de viagem preferido do grupo.

Quando a solidão encontra companhia

Para muitos, o *Frohe Altenrunde* é mais que um grupo de atividades. É um lugar de acolhimento, especialmente para quem perdeu o cônjuge. Clara lembra de uma amiga que nunca havia participado de nada. “Depois que seu marido faleceu, nós a levamos, porque, quando ele era vivo, eles quase não saíam de casa. E parece que faz tão bem a ela”, relata.

Josefine concorda. “Ficar em casa, sentar-se diante da televisão, tudo bem. Mas precisamos de contato com mais pessoas para conversar, senão não conversamos mais. Não sabemos a respeito do outro, porque não saímos. A gente nota a diferença entre aqueles que participam do grupo e os que não participam. Eu acho muito importante, na idade, ter contato com outras pessoas, sair dessa casa e se divertir, rir e conversar.”

Desafios e cuidados

Natascha, que coordena o grupo há alguns anos, conhece bem os desafios de organizar atividades para a terceira idade. “Para mim, o maior cuidado é a questão da acessibilidade para eles. Já houve muitos lugares onde eu gostaria de levá-los, mas analisando todos os prós e contras, muitas das vezes os lugares não são adequados para receber o nosso público de idosos, fazendo com que achar um passeio, uma viagem, se torne um desafio ainda maior.”

Outro desafio é convencer os mais jovens, ou seja, aqueles que acabaram de completar 60 anos, a participarem. “Nós temos agora o problema de que os idosos acham que não são ainda idosos o suficiente para vir ao encontro. Muitos não se acham idosos com sessenta anos e aí não vão. Mas eles estão perdendo as boas festas”, Clara observa com graça. A diferença na participação entre homens e mulheres também é notável. “A média é de sete mulheres para três homens, oito mulheres para dois homens. São mais mulheres”, completa.



Natascha Buhali:

“Temos o dever e a missão de manter viva a Frohe Altenrunde.”

Josefine Spieler:

**“Justamente
nessa idade é
especialmente
valioso ter
amigos.”**



**O programa
anual inclui
diversos eventos,
como a Festa
do Abate, cuja
primeira edição
está registrada
nesta imagem.**



Duas gerações e um grupo de dança

Clara, que trabalhou com o grupo por 27 anos, viu gerações passarem. “Eu trabalhei com duas gerações. A geração das avós mais velhas, depois já vieram seus filhos e esses agora já são os idosos. Nós temos idosos que estão ali desde o começo. Por exemplo, minha mãe já faleceu, mas com cinquenta e cinco anos, ela participava do encontro dos idosos”.

Um desdobramento importante do *Frohe Altenrunde* foi a criação do grupo de dança de idosos, há cerca de 15 anos. Vinculado à Fundação Cultural, o grupo ensaia toda semana e se apresenta em diversos eventos, inclusive viajando anualmente para encontros com outros grupos de dança de terceira idade. “Nós viajamos para não sei quantos lugares. Aqui na Colônia ou em Guarapuava, uma vez por ano há uma viagem. Também temos contato com outros grupos de dança”, explica Josefine, que também faz parte do grupo de dança.



Um importante desenvolvimento do grupo *Frohe Altenrunde* foi a criação do grupo de dança da terceira idade, há cerca de 15 anos.

O que mantém o grupo vivo e o seu legado

Após 32 anos, o que mantém o *Frohe Altenrunde* ativo? Para Clara e Josefine, a resposta é simples: amizade. “Eu acho que é o amor envolvido. É o amor que as pessoas têm umas pelas outras”. Ao que Josefine complementa: “Amizade. Ter amigos, principalmente na idade, são os amigos que dividem as coisas boas e também as tristes e nos ajudam a passar por elas.”

Ao definir o grupo em uma frase, Natascha não esconde a emoção. “Todas nós, sendo voluntárias ou colaboradoras da Agrária, temos o dever e a missão de manter o *Frohe Altenrunde* de pé, pois é por meio

de seu trabalho que temos tudo o que temos hoje em dia. É com eles que temos as maiores trocas de conhecimento, e isso é algo muito importante: manter viva a história dos Suábios do Danúbio. Somos e sempre seremos Donauschwaben.”

Trinta e dois anos depois daquele primeiro encontro, o *Frohe Altenrunde* segue firme. Sessenta pessoas se tornaram centenas, o Clube São Geraldo virou Centro de Eventos e as atividades se multiplicaram. Mas a essência permanece a mesma: criar espaços de encontro, combater a solidão, fortalecer amizades e honrar aqueles que construíram Entre Rios.



**O primeiro ponto de encontro foi o Clube São Geraldo.
Na imagem vê-se a festa de Natal de 1997.**



O Encontro dos Pioneiros já é realizado pela 16ª vez.

Da saudade à tradição: como a cultura suábica floresceu em Entre Rios

Esta é a primeira parte de uma série especial em homenagem aos 25 anos da Fundação Cultural Suábio-Brasileira



Já nos primeiros anos da colonização, os pioneiros organizaram iniciativas culturais.

Mariana Papi

Quando os primeiros Suábios do Danúbio chegaram a Entre Rios em 1951, trouxeram consigo mais do que ferramentas e sementes. Carregavam memórias de uma pátria perdida, tradições centenárias e a certeza de que, para continuar existindo como povo, precisariam manter viva sua cultura. Cinquenta anos depois, em 2001, essa determinação se consolidaria na criação da Fundação Cultural Suábio-Brasileira. Esta é a história de como a cultura se tornou o alicerce da identidade de Entre Rios.

Logo nos primeiros anos da colonização, mesmo com todas as dificuldades de adaptação à nova terra, os pioneiros organizaram iniciativas culturais. Um coral de igreja, uma banda de música, grupos de teatro e grupos folclóricos foram criados nas cinco colônias. Tudo era conduzido por voluntários da comunidade, que se reuniam após o trabalho e nos fins de semana para cantar as canções conhecidas, dançar e matar a saudade da antiga pátria.

“Os colonos suábios de Entre Rios introduziram seu estilo de vida comunitário em solo brasileiro com esforço, diligência e amor”,

observa Maria Dolores Stoetzer Schneiders, Assistente Cultural da Fundação Cultural Suábio-Brasileira. Os encontros durante e após o trabalho eram oportunidades de praticar e preservar os costumes. “Embora os anos iniciais tivessem sido difíceis e, muitas vezes,

Foto: KP



Lore Schneiders:

“Embora os primeiros anos tenham sido difíceis, também foi um período muito criativo.”



Foto: Museu Histórico

Nas Colônias surgiram um coral da igreja, uma banda musical, grupos de teatro e de dança folclórica.

muito duros, foram também uma época muito criativa, durante a qual muitos pioneiros se engajaram para introduzir os costumes populares no novo país”, relata Maria Dolores.

Nesse sentido, a cultura nunca foi vista como luxo ou entretenimento secundário. Ela era elemento essencial de identificação e sobrevivência como povo. “A soma de todas as características, tradições, hábitos e realizações de um grupo social constitui a cultura desse grupo, a qual, por sua vez, tem um efeito formador de identidade”, explica Maria Dolores. Os suábios, cujas raízes haviam sido cortadas após a Segunda Guerra Mundial, sabiam que o desaparecimento dessas tradições seria um empobrecimento irreparável.

A Cooperativa Agrária assume a responsabilidade

Foi em meados dos anos 1960, que a Cooperativa Agrária entrou em cena e assumiu também a responsabilidade nos âmbitos social e cultural da colônia, passando a contribuir cada vez mais para o fomento e a expansão do desenvolvimento deste setor. Preservar o patrimônio linguístico e cultural e transmiti-lo às próximas gerações tornou-se um dos seus grandes objetivos.

“Para garantir que este anseio não permanecesse apenas em palavras, a Agrária fez investimentos significativos no trabalho juvenil e cultural, ciente da interdependência entre preservação cultural e economia”, explica Maria Dolores. A construção do Clube São Geraldo na Colônia Vitória criou um ponto social central para todos os Suábios do Danúbio de Entre Rios. Além disso, a cooperativa passou a apoiar os grupos culturais, especialmente em viagens para apresentações, garantindo a continuidade do trabalho cultural.

Foto: Museu Histórico



Foto: Museu Histórico

Grupo de dança infantil: a partir de meados das décadas de 1960 e 1970, a Agrária realizou investimentos significativos no trabalho cultural e juvenil.

Na década de 1960, as Colônias realizavam eventos culturais no Dia da Pátria de Origem, com concursos de coral e teatro.

2001: nasce a Fundação Cultural

Nove anos depois da inauguração do Centro Cultural, chegou o momento de uma nova transformação. Em 7 de agosto de 2001, foi criada a Fundação Cultural Suábio-Brasileira, que passou a substituir a Cooperativa Agrária na coordenação do trabalho cultural. A cooperativa, no entanto, continuou sendo a principal mantenedora.

A mudança para o formato de fundação trouxe vantagens importantes. Como fundação, tornou-se possível obter doações e investimentos públicos, o que contribuiu para a preservação do patrimônio cultural de forma mais estruturada e sustentável.

Os objetivos da nova Fundação foram claramente definidos: estimular e expandir as atividades culturais em todas as suas formas em Entre Rios, preservar a história, o folclore e os costumes, possibilitar apresentações artísticas, eventos, exposições, concertos, turnês e intercâmbios culturais no país e no exterior, mas também dar espaço às tradições brasileiras.

Assim, Entre Rios tornou-se uma colônia viva, com suas muitas festas animadas ao longo do ano. Algumas festividades baseiam-se na origem alemã ou suábica dos colonos, outras mostram a integração bem-sucedida com a cultura brasileira. Para que tudo isso aconteça, é importante destacar, neste ponto, como os principais valores da comunidade permanecem constantes.

Desde o início, as comunidades nas colônias desenvolveram-se em um clima de amizade e união. E a geração mais velha pôde e ainda pode ver com satisfação que os jovens se atêm aos valores de seus



Foto: Museu Histórico

O grupo de dança folclórica viajou em 1980 para a Alemanha e a Áustria.

ancestrais e se esforçam em mantê-los. “É importante destacar o esforço comunitário em manter a cultura através do constante engajamento dos habitantes, geralmente voluntário, desde o início da colonização nos anos de 1950 até os dias de hoje”, reflete Maria Dolores.

O legado dos primeiros 50 anos

Quando a Fundação Cultural foi criada em 2001, ela não nascia do zero. Trazia consigo meio século de história: das primeiras reuniões após o trabalho nos anos 1950, passando pelo apoio estruturado da Cooperativa Agrária a partir dos anos 1960, pela construção do Centro Cultural em 1992, até se consolidar como instituição formal em 2001.

“Todas as 5 comunidades de Entre Rios traziam consigo o espírito de união, com o intuito de construir uma nova vida, na qual a cultura, a tradição e a língua desempenharam um papel decisivo para o sucesso da comunidade”, resume Maria Dolores.

Esse período preparou o caminho para os 25 anos seguintes da Fundação, garantindo que a cultura suábica florescesse em solo brasileiro, encontrando apreço e reconhecimento não apenas dentro da colônia, mas em todo o Brasil e no mundo. A saudade da antiga pátria transformou-se em tradição viva, e o esforço voluntário dos pioneiros consolidou-se em uma instituição que segue, até hoje, cumprindo a missão de manter viva a identidade cultural de Entre Rios.

Na próxima edição, contaremos a história dos 25 anos da Fundação Cultural Suábio-Brasileira, de 2001 até hoje.



Foto: Museu Histórico

A inauguração do Centro Cultural, em janeiro de 1992, durante as comemorações dos 40 anos, foi um grande marco do desenvolvimento cultural. Em 1997, passou a chamar-se “Centro Cultural Mathias Leh”.



Foto: Museu Histórico

Em 7 de agosto de 2001 foi fundada a Fundação Cultural Suábio-Brasileira.



Foto: KP

Após 25 anos, a cultura suábica conquistou valorização e reconhecimento não apenas em solo brasileiro, mas também em nível mundial.

Agrária homenageia colaboradores experientes

Na Cooperativa Agrária, o primeiro grupo do programa “Com Olhar para o Futuro” foi oficialmente homenageado em uma cerimônia de despedida. A iniciativa é direcionada a colaboradores com muitos anos de atuação e os acompanha na transição para uma nova fase de vida e profissional — com o objetivo de preservar experiências e abrir novas perspectivas. Durante os workshops, foram abordados temas como saúde, planejamento financeiro e possíveis caminhos após o encerramento da vida profissional ativa. Ao mesmo tempo, a transmissão de conhecimento às gerações mais jovens desempenha um papel central. O programa tem alcançado grande repercussão: já há inúmeros interessados inscritos para a próxima edição, que teve início em abril.



Foto: BM

Museu Histórico de Entre Rios recebe reconhecimento

O Museu Histórico de Entre Rios foi reconhecido pelo Estado do Paraná como um atrativo turístico de especial relevância. Por meio da chamada DARIT, são homenageados locais que contribuem significativamente para o desenvolvimento do turismo regional.

Ao mesmo tempo, a premiação valoriza o compromisso com a preservação da história e das tradições dos Suábios do Danúbio — um patrimônio cultural que até hoje marca a identidade de Guarapuava.

Para o museu, o reconhecimento representa ao mesmo tempo uma confirmação do trabalho realizado e uma missão contínua: transmitir a própria história, torná-la viva e mantê-la acessível também às futuras gerações.



Foto: Fundação Cultural

Encontro de Instrumentos de Cordas da Fundação Cultural



Foto: Fundação Cultural

No dia 27 de março, alunos e alunas da Fundação Cultural Suábio-Brasileira subiram ao palco do Centro Cultural Mathias Leh para apresentar ao público o que aprenderam ao longo das aulas. O “Encontro de Cordas” ofereceu aos participantes a oportunidade de demonstrar seu progresso musical diante de pais, familiares, amigos e da comunidade, colocando em prática o aprendizado em uma apresentação dinâmica e significativa. Ao todo, 124 pessoas participaram do evento.

Tour Histórico por Entre Rios

No dia 28 de março, o Museu Histórico de Entre Rios abriu sua programação anual com o primeiro “Tour Histórico”. A iniciativa tem como objetivo tornar vivenciáveis os principais momentos da formação da comunidade e aprofundar a compreensão sobre o legado dos Suábios do Danúbio na região.

O percurso passou por locais marcantes nas cinco colônias, permitindo aos participantes experimentar a memória histórica de forma viva e concreta. Ao todo, 20 pessoas participaram da atividade.



Foto: Fundação Cultural

A Fundação Cultural encanta crianças com tradições de Páscoa

Entre os dias 9 e 25 de março, a cultura pascal pôde ser vivenciada de forma prática em Entre Rios: 911 alunos das séries iniciais das escolas municipais Princesa Isabel e Lacerda Werneck, bem como do Colégio Imperatriz, participaram de uma oficina especial. Durante a atividade, conheceram a tradição da árvore de Páscoa, símbolo de vida e ressurreição. Em seguida, as crianças confeccionaram ovos pintados, que foram utilizados para decorar as árvores de Páscoa da Fundação Cultural.

Crianças da Associação Canaã também participaram da ação, sendo atendidas em sua própria instituição.

Outro destaque ocorreu no dia 4 de abril, quando cerca de 300 crianças participaram da tradicional caça aos ovos organizada pela Fundação Cultural. Com brincadeiras, pintura de ovos e a visita do Coelho da Páscoa, foi proporcionada uma animada tarde em família no espaço da Fundação Cultural. O evento contou ainda com um mercado de Páscoa com especialidades gastronômicas, organizado pela Associação de Turismo de Entre Rios (Aster).

Nas outras colônias, a tradição pascal também foi celebrada: no dia 8 de março, o grupo evangélico feminino Luar realizou seu Café de Páscoa no clube da Colônia Cachoeira, com delícias tradicionais, apresentações musicais e bingo. Já no dia 21 de março, aconteceu o tradicional Mercado de Páscoa na Colônia Jordãozinho, com exposições dos moradores da comunidade e participação dos alunos do 8º ano do Colégio Imperatriz.



Fotos: Fundação Cultural



Campanha de Páscoa arrecada 2.526 caixas de chocolate

A campanha de Páscoa da cooperativa escolar Cooperatriz e do projeto beneficente PAIS, da Agrária, demonstrou grande solidariedade: ao todo, foram arrecadadas 2.526 caixas de chocolates, distribuídas a crianças de seis instituições de ensino em Entre Rios, Guarapuava e região.

Diversas escolas, assim como o Instituto João Paulo II, puderam ser beneficiadas a tempo para a Páscoa. A ação reforça, mais uma vez, o forte espírito comunitário presente na região.



Foto: Colégio Imperatriz

Mês da mulher na Agrária

A Cooperativa Agrária abriu o Mês da Mulher com dois eventos que contaram com grande participação. A programação iniciou no dia 5 de março com um encontro destinado às cooperadas, bem como às esposas e filhas de cooperados. O destaque foi o programa “Sinergia Feminina”, que fortalece e dá visibilidade à participação ativa das mulheres na cooperativa.

No dia seguinte, mais de 300 colaboradoras participaram do quinto evento feminino. Na ocasião, ficou evidente como as mulheres hoje atuam naturalmente em todas as áreas, ocupando cada vez mais também funções de liderança.

Outro ponto central foi o compromisso com a igualdade: a Agrária busca a certificação “Nós por Elas”, reforçando seu posicionamento em favor de um ambiente de trabalho respeitoso e livre de discriminação.

Fotos: BM



Falecimentos

- ✦ No dia 16 de março de 2026, faleceu Josef Stemmer, aos 64 anos de idade. Ele nasceu em 17 de junho de 1961 em Entre Rios. Deixa enlutados sua esposa Eva, os filhos Marina e Ricardo, o neto Caio, bem como os irmãos Stefan e Adam Stemmer, presidente da Cooperativa Agrária.
- ✦ Elisabeth Hech Seitz nasceu em 10 de fevereiro de 1930 em Setschan, na antiga Iugoslávia, e veio ao Brasil no 6º transporte. Faleceu no dia 19 de março de 2026, aos 96 anos de idade. Deixa enlutados seus filhos Helmuth e Stefan Seitz, seus netos Eliane, Denise, Bernardt, Roland, Alexandre e Marcos, bem como seus bisnetos.



Maibaumfest

Celebrar a Festa da
Árvore de Maio significa
honrar o passado e viver
o presente em comunidade.



 **1º MAIO**
10h

 **CENTRO DE EVENTOS**
Agrária

